



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 - 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 04 – Ano II – 10/2013  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **A Identidade Fronteiriça Brasil-Bolívia: um estudo sobre Linguagem na Literatura de Fronteira**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosangela Villa da Silva  
Doutora em Linguística da Língua Portuguesa pela UNESP  
Pós-Doutorado em Sociolinguística pela Universidade de Coimbra – Portugal.  
Professora Orientadora do Programa do Mestrado em Estudos Fronteiriços-  
MEF/UFMS/CPAN e do Mestrado em Estudos de Linguagens (CCHS)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – Corumbá – MS – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2728125416409698>  
E-mail: [rvilla45@hotmail.com](mailto:rvilla45@hotmail.com)

Prof<sup>ª</sup>. MSc. Stael Moura da Paixão Ferreira  
Professora Pesquisadora UFMS-CPAN. Mestre em Estudos Fronteiriços - MEF/  
UFMS/CPAN. Linha de Pesquisa: Ocupação e Identidade Fronteiriças e Linha de  
Pesquisa: Literatura e Ensino de Línguas- UFMS/CPAN.  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – Corumbá – MS – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/4800465244991413>  
E-mail: [staelmoura@hotmail.com](mailto:staelmoura@hotmail.com)

**Resumo:** Tanto no Brasil como na Bolívia, são poucos os estudos acerca dos contatos linguísticos, e em relação aos estudos da literatura de fronteira são ainda mais escassos ou incipientes. Este artigo aborda a linguagem nas obras literárias de Lobivar Matos (BR), Augusto César Proença (BR) e Alcides Arguedas (BO) que descrevem o espaço fronteiriço Brasil - Bolívia, nos aspectos da literacia de obras como Sarobá, Raízes do Pantanal e Raza de Bronce, dentre outras, que contribuem para definir o perfil linguístico do natural deste espaço. Por meio da literatura, abrem-se discussões em torno da linguagem nesta fronteira, dando visibilidade ao reconhecimento da identidade do fronteiriço e de sua expressão em defesa da construção da identidade nacional do natural.

**Palavras-chave:** Literatura; Língua; Fronteira Brasil-Bolívia; Identidade Fronteiriça.

## 1. Introdução

Sobre a perspectiva dos estudos linguísticos nesta fronteira Brasil-Bolívia pode-se afirmar que a linguagem é própria e extremamente rica, pois está diretamente relacionada à diversidade de grupos étnicos que residem nesse mesmo espaço geográfico. O homem fronteiriço sempre criou e recriou unidades lexicais que corresponderam às necessidades de comunicação, considerando que as migrações, tanto de contingentes oriundos dos estados da federação como de países vizinhos e de outros continentes, foram fundamentais para a formação cultural da região. Imigrantes da Alemanha, Espanha, Itália, Japão, Paraguai, Portugal, Síria, Líbano, Turquia e Armênia que marcaram a fisionomia desta região. Neste sentido, entende-se que de acordo com as interferências da população (naturais e/ou migrantes), bem como os costumes dos povos que aqui vivem, pode-se considerar essa região como um grande “celeiro” linguístico, por apresentar diversidade e complexidade em sua formação. A proposta desse artigo é analisar, por meio da literatura, os aspectos linguísticos e a diversidade da linguagem apresentados em obras nessa fronteira que reforcem a identidade nacional do fronteiriço.

Convém destacar que Corumbá é uma cidade situada no extremo Oeste de Mato Grosso do Sul, na fronteira Brasil-Bolívia. Dentro do território brasileiro, distancia-se de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, mais de quatrocentos quilômetros. Entretanto, mantém uma distância de menos de cinco quilômetros de Puerto Quijarro e menos de quinze de Puerto Suarez, ambas cidades bolivianas. Assim, o distrito de Arroyo Concepción e a Sección de Puerto Quijarro e Puerto Suarez, situadas na província de Germán Busch, leste do departamento de Santa Cruz no território nacional boliviano, configuram-se como ponto estratégico de principal contato entre bolivianos e brasileiros nesta fronteira.

Sabe-se que nessa fronteira Brasil-Bolívia os fatores que determinam o nível de interação entre as línguas distintas são diversificados. Muitas motivações ocorrem pelas relações comerciais, trabalhistas, educacionais e culturais existentes entre brasileiros e bolivianos, conforme aponta SILVA, R.V. et al. (2009). Tratamos, então, nesse estudo, de lançar um olhar sobre os contatos linguísticos a partir do

estudo da linguagem expressas nas obras literárias dos dois países tentando resgatar elementos identitários constituídos nas obras nesta zona fronteira.

Sabemos que pensar a fronteira, nesta linha imaginária que divide os dois territórios, é pensar em seus contatos, trocas e interações reais, refletindo as especificidades do espaço, considerando que há um processo natural, responsável por gerar uma identidade própria do fronteiro, em que inclusive as tradições culturais, sociais e manifestações religiosas vão se misturando e oportunizando os contatos linguísticos. No entanto, pensar os contatos linguísticos a partir das obras literárias nessa fronteira é fazer emergir elementos identitários enraizados na cultura, nos costumes, nos modos, etnias, etc.

### **1.1 A construção Identitária na fronteira brasileira**

Na complexidade do conceito de identidade, que contém em si vários elementos definidores, como a etnia, a história, espaço e costumes, a língua não é apenas mais um traço, mas, sobretudo, uma força de identificação nacional, considerando que o grupo social manifesta seu pensamento, sua visão do mundo e sua cultura por meio da sua língua. É consensual dizer-se que língua e cultura são entidades inseparáveis, que a língua é ao mesmo tempo um reflexo e um instrumento de cultura, que se transmite de geração em geração. Ao registrar fatos linguísticos de uma língua estamos não só divulgando-a, mas também valorizando os costumes, as crenças e, enfim, a cultura expressa por essa língua. Dessa forma, vejamos este texto extraído de *A Força do Falar Pantaneiro*, texto publicado originalmente pela Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (2004). Nele verificamos que Proença enfatiza a vida do homem da terra, vida do homem pantaneiro, a linguagem, o “*falar do homem pantaneiro*”. Entretanto, Proença adverte que *é necessário sentir o que ele (o Pantanal) sugere para depois compreender o que ele oferece*. Vejamos o texto:

Para entender o Pantanal – já dizia Cássio Leite de Barros – é necessário sentir o que ele sugere para depois compreender o que ele oferece. E eu, humildemente, acrescento: há que se ir ao chão, às raízes, para buscar a rusticidade e simplicidade do homem pantaneiro.

Esta vasta planície, dada de mãos beijadas à Nação brasileira como um Patrimônio Natural, oferece-nos, além de uma exuberante paisagem

pintalgada pela branca pelagem do nelore, uma linguagem extremamente expressiva, rica em variações fonéticas e prosódicas.

O livramentano, cuiabano, poconeano, cacerense, quando desceram lá do Norte para povoar o Pantanal do Sul viajaram com as suas palavras. Trouxeram, junto com os caribéus, as jacubas, os paus de guaraná, uma enormidade de termos e expressões que, ao longo da história, através de um processo laborioso de troca, assimilação, absorção, mesclaram-se com a oralidade dos países vizinhos e formaram um universo muito próprio que se traduz naquilo hoje concebido como o “falar do homem pantaneiro”.

Quantas expressões singulares! Quantos termos inusitados! Quantas riquezas!

Os acordes atrevidos da viola de cocho, os quais motivaram os improvisos dos curureiros, versejadores/cantadores das antigas festas pantaneiras produziram neologismos, ampliando a versatilidade linguística e cultural da região... As comitivas, pelos caminhos pantanosos, conduzindo boiadas, contribuíram para enriquecer o vocabulário pantanês. Da cozinha das nossas avós vieram o furrundu, a paçoca de banana, a Maria-Izabel... a lembrança... da carne-seca e do toucinho defumado “dipindurado” ao lado do fogão, do pote d’água, do dedo na panela para provar o “doce de cadju” e a “catchorrada”...Ah! ... e também a lembrança... daquele banquinho perto do fogão onde a bugrinha, cabelo penteado, toda “perfumada de água de chero”, esperava a hora de abrir a porta “ pro fio do patrão entrá”. Em torno do laço do vaqueiro, instrumento que faz parte da sua “traia”, dos seus “quase- nada”, nasceu uma rica terminologia que vai desde a escolha do couro até o colocar da argola, no arremate final... O sobrenatural, tão presente no imaginário... Entidades que povoam o universo infantil e persistem na crença dos adultos, nomes como Mãozão, Pé-de-garrafa, Minhocão, Come-língua, Negro-dágua, Anta-amiga, figuras mitológicas e lendárias que habitam as matas, baías, rios e corixos...(PROENÇA, 2004, Revista da Academia Sul-Mato-Grossense De Letras. s.p.)

Além dos termos que representam entidades que povoam o universo pantaneiro como *Mãozão, Pé-de-garrafa, Minhocão, Come-língua, Negro-dágua, Anta-amiga*, todas *figuras mitológicas e lendárias que habitam as matas, baías, rios e corixos*, Proença explora expressões e verbetes peculiares ao sul-mato-grossense, que expressam a rica linguagem pantaneira. Por exemplo, ao citar a *exuberante paisagem pintalgada pela branca pelagem do nelore*, Proença destaca a riqueza cultural oriunda do gado no cerrado pantaneiro. E com suas “expressões singulares”, “termos inusitados” e “riquezas”, como *fueiro, guieiro, cambão, gangorra, tento, braça, iapa, afogador, lonqueação* e outros termos do léxico pantaneiro vai tecendo suas memórias através de seus artefatos míticos, éticos, culturais, que norteiam a forma de pensar e agir do homem pantaneiro. Nesse processo de composição literária, Proença também reflete fatores culturais, transmitidos ao longo do processo histórico, de geração a geração, como *os caribéus, as jacubas, os paus de guaraná, uma enormidade de termos e expressões* que vieram junto com os colonizadores e

participaram da formação daquilo que hoje é concebido como o “falar do homem pantaneiro”.

Assim, as nossas reflexões tendem a passar em torno da questão de que cada língua carrega consigo as marcas de sua formação e assim afirmando, recorreremos à famosa frase de Pessoa, destacada na letra da música Língua, de Caetano Veloso: “*A minha pátria é a minha língua*”, considerando-se que mais do que ser o local em que uma pessoa nasce a pátria é o espaço de interações de dimensões afetivas, sociais e históricas; interações “genuinamente” nacionais. Desta forma, verifica-se que palavras pertencentes ao léxico pantaneiro são propositadamente empregadas para atribuir valor a esse bem cultural e reconhecer o seu significado, construído pelo senso comum, mas organizado por elementos relevantes ao contexto histórico e regional desta fronteira. Desta forma, *o furrundu, a paçoca de banana, a Maria-Izabel, a carne-seca e o pote d’água* estão presentes neste processo de composição literária, fortalecendo a questão da cultura pantaneira. Outro fator que merece destaque em relação ao léxico pantaneiro, no texto de Proença, são as variações linguísticas e fonéticas empregadas quando cita a lembrança do toucinho “*dipindurado*” e do “*doce de cadju*” e da “*catchorrada*”. Nessa mescla de falares também encontramos traços linguísticos que são atribuídos ao falar pantaneiro, como por exemplo, os sons dos fonemas /g/, /j/ e /ch/ em: *djente* (gente), *djeito* (jeito) e *tchão* (chão) que segundo Silva (2004, p.21) seriam originários da região norte de Portugal.

Destacamos que, segundo Barbosa (1993, p.1), o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação dos sistemas de valores. O autor pantaneiro, ao perscrutar essas formas de falar, troca o sinal negativo dominante nesses registros e faz notar a face positiva de sua cultura. Segundo Barbosa (1993, p. 158), *língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interação continuamente, e constituem, na verdade, um único processo complexo*, a língua do indivíduo pantaneiro e a dos que nesta fronteira habitam contribui poderosamente para reconhecer-se e para ser reconhecido pelo outro. É na realidade um fator de identificação cultural.

No entanto, gostaríamos de salientar que em Lobivar Matos, autor dessa fronteira, também encontramos as interações de dimensões sociais e históricas que possibilitam um entendimento do *modus vivendi* na fronteira entre Brasil e Paraguai,

conforme aponta Puiggari (1933) apud Ferreira e Araujo (2011). No poema *Rodeio* (1936, p. 57), por exemplo, percebemos forte preocupação em destacar as variantes linguísticas e sociais dos *caboclos de fronteira, que falam uma fala misturada*, fruto do contexto histórico e regional da fronteira do Paraguai. Nesse poema, *domingo é dia de festa e vai haver corridas*, por isso notamos:

Paraguaios com lenço “colorau” no pescoço, faixa preta na cintura...  
...  
Brasileiros, gaúchos guapos, caboclos de fronteira, que falam uma fala misturada...  
...  
- Acá no hay hombres! Ho hay muchachos!  
Hay polleros! Grita um correntino atrevido.  
Um paraguaio nanico resolveu aceitar a aposta.  
Não quer dinheiro, vai montar por que não é pollero...  
(MATOS, 1936, p. 57-60)

Observa-se que as falas apresentadas no âmbito da literatura fronteiriça são, propositadamente, escolhidas pelo autor nas mais variadas possibilidades de imaginar, nomear e até avaliar e reavaliar a fronteira e o próprio homem fronteiriço em relação à nação brasileira, bem como, em contraste, até privilegiado, com qualquer outra região. O discurso posiciona os sujeitos sociais quanto às suas identidades, e as manifestações sociodiscursivas refletem-se nos sujeitos, seja de modo conflitante, seja em sintonia com o que a sociedade determina. Mas, sempre haverá a heterogeneidade linguística apontada por Labov (1984) apud Monteiro (2000). Assim, ao emergir esses *caboclos de fronteira*, Matos (1936) volta os holofotes para o contato linguístico e para o (inter) relacionamento existente entre os dois países, através do processo migratório.

Destacamos ainda que no poema *Rodeio*, de Matos (1936, p. 57-60) no fruir da convivência dos falantes, ou seja, nesse contato físico e linguístico, há uma espécie de aculturação, considerando que juntos, *Brasileiros, gaúchos guapos, caboclos de fronteira... cheiram a branquinha da bôa e trazem a “justiça de Mato Grosso” brilhando, limpinha, no cinturão* (MATOS, 1936, p. 58). Ao mesmo tempo, reforça-se a identidade dos sujeitos, pois segundo Rajagopalan (2003, p.71), a única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo.

Em relação a fronteira Brasil-Bolívia, convém destacar que, conforme apontam Ferreira e Silva (2012, p, 02-03), por fazer parte da Bacia Platina, após a Guerra do Paraguai, Corumbá- BR tornou-se importante centro atrativo de



estrangeiros, imigrantes de diversas nacionalidades, principalmente, sírio-libaneses, italianos, argentinos, espanhóis, franceses, uruguaios, paraguaios, entre outros. Afirmam Ferreira e Silva (2012. p. 02-03) que devido à proximidade das cidades, entre outros motivos, muitos bolivianos de localidades como: Puerto Suarez, Cochabamba, La Paz, Roboré, Potosí, São José de Chiquitos, São Miguel, San Ignacio de Velasco, Trinidad, dentre outras, também resolveram ingressar no Brasil. Assim, estudar a língua como objeto de construção social, considerando sua singularidade, ajuda-nos a compreender as variações sociais, regionais, geográficas e o discurso enquanto expressão linguística e social do ato da comunicação.

## **1.2 A linguagem na Fronteira Boliviana: a questão do bilinguismo**

Convém explicar que não é pretensão dessa pesquisa, abordar sobre os idiomas autóctones existentes em nenhum dos dois lados dessa fronteira, pois o estudo das línguas minoritárias, segundo SILVA, R.V.da et al (2009, p.125), requer um levantamento aprofundado da situação linguística dos vários grupos étnicos existentes nos dois países, que apresentam problemáticas distintas. Lembramos que nossa pesquisa, neste momento, não está voltada para o extraliterário. No entanto, destacamos apenas que, atualmente, a Constituição boliviana reconhece 36 etnias, mas existem no país pelo menos 54 etnias ou nações originárias, aquelas que viviam na Bolívia antes da chegada dos europeus, conforme afirma Amorim (2013). Conseqüentemente, podemos dizer que a Bolívia possui três línguas oficiais: o espanhol, o aimará e o quichuá ou quéchua e mais 33 línguas autóctones: araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasuawe, guarayu, itonama, leco, machajuyai-kallawayá, machineri, maropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, sirionó, tacana, tapiete, toromona, uruchipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré e zamuco, conforme Embajada del Estado Plurinacional de Bolívia. Sabe-se que as línguas quíchua e aimará são as destacadas no universo das línguas indígenas porque a Igreja Católica escolheu essas línguas nativas como veículo da evangelização, passando a escrevê-las com caracteres latinos e ensiná-las, fixando-as como as línguas mais faladas entre os indígenas.

Voltando ao campo literário, no lado boliviano, a obra *Raza de Bronce* (1919), uma das novelas bolivianas mais destacadas da América da Sul, Alcides Arguedas, considerado iniciador do Indigenismo na Literatura boliviana, que após a publicação de *Pueblo Enfermo* (1909), na qual culpa os indígenas e os mestiços pela ineficácia evolutiva da Bolívia, usa *Raza de Bronce* (1919) e parte em defesa dos índios escravizados por “*patrones blancos, feroces dueños de la tierra, y sus empleados mestizos*” (“Liminar” xv. ARGUEDAS, 1997). Nessa narrativa, encontramos forte ideología que diz respeito *la realidad del indio boliviano y su falta de confianza en la transformación de esa realidad*. (NACIFF, 2008, p. 34). Todavía, Arguedas, objetivando expor a moral e a força dos aimarás, apresenta, nesse “alegato” realista em favor do índio explorado e reprimido pelos latifundiários, vocábulos de origem aimará. Destacamos que o autor emprega esses vocábulos e os traduz na própria narrativa, para a língua espanhola, como por exemplo, nessas passagens: *los campos están kenchas (embruçados)* (p. 135); em *Diestro taliri (masajista)*... (p. 136); *fama de Kamiri (adinerado)*... (p. 146) ou como em *la chuspa (bolsa) con coca* ( p. 146).

Salientamos que, na Bolívia, o acesso à educação escolar sempre foi privilégio dos “*blancos*”, ou quando muito, dos “*cholos*”, ficando a maior parte da população, os índios, excluída do sistema escolar. Segundo David Mangurian (1999), foi somente após 1990 que o “*Programa de Reforma Educativa (PRE)*”, parte de um pacote de reformas radicais da educação, com metas que vão bem além da instrução básica, estabelece o caráter democrático da educação na Bolívia, em que pela primeira vez, crianças indígenas podem aprender a ler e escrever em suas línguas nativas, aimará e quéchua, e também em espanhol. No entanto, conforme aponta Mangurian, ainda há forte resistência por parte dos adultos, pois acreditam que é preciso resgatar a cultura indígena afim de que essa não seja esquecida.

Segundo afirma Mangurian, a vida em uma sociedade em que o espanhol é identificado com progresso e poder e em que as línguas nativas significam atraso e pobreza, criam-se conflitos para os pais indígenas, aimarás ou quéchuas, pois muitos não sabem que língua ensinar aos filhos. Segundo ele, os adultos não permitem que os filhos falem suas próprias línguas. Mas, tentando protegê-los da “cultura urbana”, também não querem que os filhos aprendam o espanhol. Assim mesmo, a Bolívia dispõe à incorporação do enfoque intercultural e à modalidade



bilíngue na educação, respondendo, deste modo, à heterogeneidade sociocultural do país. Corroborando com esse pensamento Apaza (2005) aponta que:

A complexa situação linguística da Bolívia, onde o idioma espanhol vive em contato com as línguas indígenas, impede, ao menos por enquanto, estabelecer limites aceitáveis que definam com aceitável precisão os acordos regionais do espanhol boliviano. As tentativas de divisão feitas até agora são, obviamente, insatisfatórias e imprecisas. Neste contexto, acredita-se na realização de mais estudos que permitam definir, algum dia, os limites das variedades do espanhol falado na Bolívia<sup>1</sup>. (APAZA, 2005, p. 20. Tradução nossa)

Após essas explicações torna-se evidente que esse misto entre a língua espanhola e língua indígena encontrado na obra de Arguedas não deve ser visto com tanta simplicidade. Ao contrário do que acontece com contatos bilíngues num contexto de nível da competência comunicativa, na escrita literária os autores são manipuladores da língua e, com toda a certeza, a interferência estará sempre carregada de significados que se pretendem transmitir ao leitor. Observa-se, então, que o autor apresenta em seus escritos traços de bilinguismo e, logo em seguida, auxilia o leitor na compreensão total do texto em que os vocábulos de outro sistema linguístico, o aimará, aparecem inseridos nas frases de língua espanhola.

Considera-se que além de apresentar um exemplo de bilinguismo, na situação descrita, Arguedas usa estratégias para familiarizar o leitor com essa língua “alternativa”. Essa coexistência linguística remete-nos à realidade linguística da Bolívia. Por outro lado, afirmamos que esse ato criativo tem conotações políticas e ideológicas, pois a repercussão da obra *Pueblo Enfermo* (1909), não foi boa e ele foi considerado racista, eurocentrista e contrário aos interesses das culturas originárias pelos intelectuais aimarás e quéchuas. A verdade é que é desse universo linguístico poliglota e dessas realidades multiculturais que Arguedas aponta-nos, paralelamente à narrativa, o enredo de sua obra: a história da colonização boliviana que subjaz a existência das duas línguas, uma previamente marginalizada, o aimará e a outra de

---

<sup>1</sup>La compleja situación lingüística de Bolivia, en la que el español vive en contacto con... lenguas indígenas, impide, al menos por el momento, el establecimiento de fronteras que definan con aceptable precisión las modalidades regionales del español boliviano. Los intentos de división realizados hasta ahora resultan a todas luces insatisfactorios e imprecisos. Ante este panorama, creemos que se deben llevar a cabo más estudios que nos permitan delimitar, algún día, las fronteras de las variedades del español hablado en Bolivia. (APAZA, 2005, p. 20.)

prestígio, o espanhol. Por outras palavras, esta escrita mestiça de espanhol e aimará realiza a afirmação da existência dessas identidades culturais.

Destacamos que, no plano extraliterário, Arroyo Concepción, cidade que liga a Bolívia ao Brasil, fortalecida pelo movimento de migração dentro da Bolívia, trouxe muitos bolivianos de outras localidades constituindo-se num mosaico de linguagens, incluindo as línguas naturais da região dos altiplanos e dos vales, quéchua e aimará. Para além dos ressentimentos da história, e da suposta pureza de um sistema linguístico, surge nesta zona de fronteira, uma mestiçagem linguística como metáfora de afirmação de identidade nacional.

Em relação ao uso da língua portuguesa por falantes bolivianos de Puerto Quijarro, em geral, estabelece-se nas relações de compra e venda no comércio da cidade boliviana, pois o comerciante boliviano, que consegue entender a exigência do cliente brasileiro expressa em português, consegue ter vantagem na comercialização de seus produtos. Desta forma, estamos descrevendo um contexto bilingue, em que bolivianos motivados pelo comércio adquirem uma L2, além de sua língua original indígena. Podemos afirmar, então, que, nesta fronteira, onde as relações comerciais são latentes, há contextos favoráveis a um possível trilinguismo, considerando que os nativos falam as línguas indígenas, o espanhol e ainda o português. Neste cenário comercial, pode-se concluir que esses bolivianos trilingues têm como L1 sua língua original indígena, como L2 o espanhol e como L3 o português.

Considere-se outra situação singular que faz parte deste espaço fronteiro, é o caso dos filhos de bolivianos com brasileiras, residentes na Bolívia. Essas crianças têm maiores chances de se tornarem falantes nativos nas duas línguas, ou até nas três línguas, por serem expostas, constantemente, desde cedo, em casa, a um de seus pais, ora falando espanhol, ora falando, com seus familiares bolivianos, o aimará, e a mãe falando em português. Para estes casos, poderíamos dizer que esses sujeitos podem se tornar trilingues em pouco tempo.

Do lado brasileiro, além das duas línguas nacionais e os idiomas indígenas estão presentes as línguas dos imigrantes árabes, alemães, italianos, etc., enfim é grande a mescla linguística, resultado do contexto histórico de formação desta localidade, fruto da migração de diferentes povos.

No entanto, considerando que a investigação aqui proposta é de caráter documental, ou seja, material escrito que possa ser utilizado como fonte para obter informações acerca do comportamento humano e lingüístico nesta fronteira, registre-se que nas obras consultadas, no lado brasileiro, não foram encontrados vestígios de bilinguismo. Encontramos outro tipo de mestiçagem representado pela invocação da oralidade. Neste caso não falamos de bilinguismo, mas de inclusão demarcas de oralidade na linguagem escrita, isto é, as variações linguísticas, em relação às minorias estigmatizadas. Tomemos em consideração, no lado brasileiro, o poema *São Sebastião* (1936, p. 65-67), de Lobivar Matos. Nele percebemos forte preocupação em destacar as variantes linguísticas e sociais, ressaltando a língua da classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal, nem aos bens culturais da elite e por isso mesmo é considerada “feia”, “pobre” e “carente”, consoante com Bagno (1999, p. 42). Vejamos um fragmento do poema *São Sebastião* (1936, p. 65-67) em que o autor expõe os diálogos na festa de São Sebastião:

...  
- Essa porcaria de chuva  
vai atrapaçar a festa do santo!  
-E preciso rezar para a chuva parar de chover.  
- Que reza nada, Compadre!  
Moreno, faz uma cruz de cinza no terreiro  
e crucifica o machado, que é porrete.  
- Não, Compadre, nada de cruz.  
Põe um ovo no toco de pau  
que São Pedro pensa que é a careca do bispo  
e fecha a torneira depressa  
pra morde o bispo não virá bóde  
A dansa tá animada:  
Porca paraguaia, arára, santa-fé, cururu.  
-Êta! Musga batuta!  
Harpa, sanfona, violão  
E o Zázá soprando direitinho uma foia de laranjeira...  
- Não deixa amanhacê, Nhô Juca, segura a lua!  
-Firmino, tira os sapatos, deixa de bôbage...  
(MATOS, 1936, p. 65-67)

No exemplo acima, observa-se o emprego das marcas da linguagem oral que, embora não seja uma questão de bilinguismo, recorda-nos toda uma série de questões ligadas ao preconceito linguístico que, segundo Bagno (1999), deve-se a uma questão que não é linguística, mas social e política. Além disso, essa quebra à norma gramatical padrão também pode ser considerada um gesto de orgulho, de preservação da identidade nacional, que valoriza a realidade popular e a identidade

cultural fronteiriça. Pensemos o poema *Maria Bolacha* (1936, p. 19-20), de Matos, em que a personagem usa a expressão “*Péra aí, péstes*”, empregando o “*péra*” forma reduzida de “*espera*”, fato inegável da marca característica da língua coloquial do português falado no Brasil presente nesta fronteira. Essa personagem *Maria Bolacha*, tratava-se de um tipo popular das ruas corumbaenses, citada por Renato Báez em *Figuras & Fatos* (1964) e por Ulisses Serra em *Camalotes e Guavirais* (2004). Era uma anciã, cor-de-mate, baixa e gorda, que andava com pano à cabeça, personificando o inconformismo e simbolizando a resistência moral do convívio sórdido das calçadas. (SERRA, 2004 p.115-117).

### **Considerações finais**

Percebe-se que a fronteira oeste de Mato Grosso do Sul apresenta uma realidade particular nas relações linguísticas de brasileiros e bolivianos que compartilham o contato das línguas portuguesa e espanhola, mas acima de tudo, é por meio do estudo das obras literárias nessa fronteira que percebemos a literatura fronteiriça constitui um parâmetro para análise e um possível diagnóstico na representação da identidade nacional, através da apropriação, indagação e decodificação do contexto nacionalista, considerando que dá visibilidade uma literatura com peculiaridades próprias à zona de fronteira.

Analisar a literatura nessa fronteira oeste Brasil- Bolívia é refletir uma ruptura dos padrões estéticos europeizados, pois as obras fronteiriças dizem muito sobre a interioridade do indivíduo e a simbologia coletiva. Consoante com Paz (1986, p.209), percebe-se, enfim, concluir que a literatura nessa fronteira expressa a sociedade influencia para modificá-la, contradizê-la ou negá-la. Esta literatura, ao caracterizar a sociedade fronteiriça, ao mesmo tempo, revela, inventa e reinventa os próprios fronteiriços. Assim, concluímos que a literatura de fronteira apresenta-se com características singulares, e expressa uma espécie de “linguagem inaugural”, quase sempre, pondo em cena as minorias sociológicas, que, simbolicamente, são fortes representações identitárias.

**Resumen:** Tanto en Brasil y Bolivia, hay pocos estudios sobre los contactos lingüísticos, y en relación con los estudios publicados de la frontera son aún más escasos o incipientes. Este artículo aborda el lenguaje en las obras literarias de Lobivar Matos, César Augusto Proença (BR) y Alcides Arguedas (BO) que describen el espacio de frontera Brasil-Bolivia, en los aspectos de la obra de alfabetización como Sarobá, Raíces de Pantanal y Raza Bronce, entre otros, que contribuyen a definir el perfil lingüístico de este espacio natural. A través de la literatura, la apertura de los debates sobre el idioma en esta frontera, dando visibilidad al reconocimiento de la identidad de los hombres de la frontera y su expresión en defensa de la construcción de la identidad nacional de la natural.

**Palabras clave:** Literatura, Lengua, frontera entre Brasil y Bolivia, Identidad Fronteriza.

#### Referências:

APAZA, Gregorio Callisaya. LÉXICO AYMARA EN EL ESPAÑOL BOLIVIANO. In: Instituto francés de estudos. Julho de 2005. Disponível em <http://www.ifeanet.org/temvar/SII-ANT6.pdf>. Acesso em: 04 set 2013.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, 1993.

\_\_\_\_\_. *Raza de Bronce*. Edição Especial. Opinión, Diário de Circulación Nacional. Santa Cruz: Coboce-opinión. 1988. Disponível em: <http://www.lafamilia.info/Libros/virtuales/Alcides%20Arguedas%20-%20Raza%20de%20bronce.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. *Raza de bronce; WuataWuara*. Edición crítica, coordinador Antonio Lorente Medina, liminar Carlos Castañón Barrientos. México: Dirección General de Publicaciones Del Conaculta. 2. ed. Madrid: UNESCO, 1997. Disponível em: [www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/.../liminar\\_11.pdf](http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/.../liminar_11.pdf). Acesso em: 20 jun. 2013.

AZEVEDO, Cristiane Sampaio de. A “desutilidade poética” de Manoel de Barros: *questão de poesia ou filosofia?* Revista.doc. Ano VIII. nº 3. Janeiro/Junho 2007. Disponível em; [www.revistapontodoc.com/3\\_cristianesa.pdf](http://www.revistapontodoc.com/3_cristianesa.pdf). Acesso em: 08 ago. 2013.

BÁEZ, Renato. *Corumbá: Figuras & Fatos*. São Paulo: Brasil, 1964.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 1999

BARBOSA, M.A. *O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos*. I Encontro de Estudos Linguísticos de Assis. Anais. Assis; UNESP, 1993.

FERREIRA, Bruno Galassi. ARAUJO, Susylene Dias de. AS NARRATIVAS ENTRE O FATO E A FICÇÃO NAS FRONTEIRAS DE MATTO GROSSO – TERRA ABANDONADA DE UMBERTO PUIGGARI. RAÍDO- Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, Vol. 5, Nº 10. 2011. Disponível em :<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/1334>. Acesso em: 04 set 2013.

FERREIRA, Stael Moura da Paixão. SILVA, Rosangela Villa da. *Algumas Reflexões Sobre Os Contatos Linguísticos na Fronteira Brasil-Bolívia: As Hibridações Étnicas, Culturais e Sociais*. In: Revista Internacional ESTUDIOS HISTORICOS. Año IV. Diciembre 2012. Nº 9. Uruguay. Disponível em: [http://www.estudioshistoricos.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=26:edicion-9&catid=3:archivo&Itemid=12](http://www.estudioshistoricos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=26:edicion-9&catid=3:archivo&Itemid=12). Acesso em: 26 jul 2013.

REVISTA DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS. *Textos de Augusto Cesar Proença*. Campo Grande, 2004. Disponível em: <http://www.acletrasms.com.br/texto.asp?ID=6>. Acesso em: 23 jun. 2012.

SILVA, Rosangela Villa da. *Aspectos da pronúncia do <s> em Corumbá-MS*. São Paulo: Arte e Ciência/Campo Grande: UFMS, 2004.

SILVA, R.V.da; RAVANELLI. M de S.: RIVAS, V.E.; GAERTNER, L.G. *Línguas em contato e aspectos da integração linguística em uma das fronteiras Brasil/Bolívia*. In *Despertar para a fronteira*. Campo Grande: Ed. UFMS. 2009.

Site da Embajada del Estado Plurinacional de Bolívia. Disponível em: <http://www.embolivia.org.br/>. Acesso em 20 jul. 2013.

MATOS, Lobivar. *Sarobá*. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936. (Obra original disponível na Biblioteca Lobivar Matos em Corumbá-MS).

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. Vozes: São Paulo, 2000.

NACIFF, Marcela. *La Raza de bronce de un Pueblo enfermo, o Alcides Arguedas y el problema del índio*. Cuadernos del CILHA, v. 9, n. 10, p. 34-46, 2008. Universidad Nacional de Cuyo Mendoza, Argentina. Disponível em:



<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=181715657006>. Acesso em: 13 ago. 2012.

PAZ, O. *A América Latina e a Democracia, A Tradição Antimoderna*. In: *Tempo Nublado*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

PUIGGARI, Umberto. *Nas fronteiras de Mato Grosso – terra abandonada*. São Paulo: Casa Mayença, 1933.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SERRA, Ulisses. *Camalotes e guavirais*. Campo Grande: Academia Sul-Mato-Grossense de Letras Campo Grande – Mato Grosso do Sul. Agosto de 2004. Disponível em: [acletrasms.com.br/revistas/camalotes.pdf](http://acletrasms.com.br/revistas/camalotes.pdf) Acesso em: 18 jul. 2013.

Texto acadêmico recebido em: 09/09/2013

Processo de Avaliação por Pares: (Blind Review - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 01/10/2013

Revista Multidisciplinar Vozes dos Vales - Ufvjm - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424